

A família no presente e no futuro

1. *Recorrendo à História, à Sociologia, às perspectivas bíblica e da Igreja Católica, constatamos que, sob modalidades diferentes, a Família foi e é a primeira sociedade natural e sacramental onde se ensaia a solidariedade complementar e vive a vida com sentido e em felicidade. Apesar das crises e das mudanças de estilo, constatamos que há um constante regresso à vida partilhada na base do amor humano fiel e renovável, mediante os sucessivos ajustamentos recíprocos e pelo recurso ao Sacramento do Matrimónio que tem a energia de renovar e aprofundar a incondicional, e sem prazo, aceitação recíproca. O respeito pelo outro, a escolha e entrega mútua heterossexual, é uma das mais profundas e interessantes experiências da aventura humana. O sentido mais profundo do amor conjugal consiste em conjugar as diferenças, criar condições estáveis de geração ponderada e a educação ajustada a cada filho, tendo em conta a respectiva personalidade, as etapas do desenvolvimento e os diversos estatutos que vai assimilando e assumindo.*

2. *A família saudável deve assentar sob o tripé bem ajustado: o respeito mútuo, a intimidade e a segurança, baseados no amor fiel e renovado. Nesta comunidade dinâmica deve haver espaço para a diferença, para a liberdade responsável: os cônjuges normais respeitam-se na sua diferença, amam-se na complementaridade e acolhem os filhos, não segundo um projecto ideal, mas na respectiva fragilidade, capacidade e promessa. O dom e o acolhimento gratuitos vencem o individualismo egoísta. E ninguém poderá objectivamente substituir a relação de marido-esposa e de pais-filhos.*

A regular partilha do mesmo tecto, da mesma mesa, das comuns alegrias e provações, são fonte de segurança, de paz e de afectividade ajustada a cada situação e às necessidades de cada um. Com o andar do tempo, todos devem perceber que devem dar e receber, partilhar benefícios e encargos da família, desde os salários, às férias, à partilha dos trabalhos domésticos, etc. Esta educação prática para a solidariedade, sem o mesquinho recurso ao «deve» e «haver», é fonte de equilíbrio para todos e a aprendizagem do realismo da vida interpessoal e social.

3. *Esta dinâmica familiar é aquela que o nosso actual meio sociológico, religioso e cultural propõe como teórica e experimentalmente correcta. Não vamos agora referir os conceitos de família dos Índios, da Amazónia, dos Melanésios, Indianos ou de certas tribos africanas, porque não nos dizem directamente respeito neste contexto em que nos situamos. É evidente que os casamentos em simultâneo, presididos por Moon, às dezenas de milhares e sem acolhimento e escolha livre na base do amor esclarecido, não passam de uma triste e trágica palhaçada, em que se envolvem pessoas crédulas e insensatas. No nosso meio também se praticou o casamento por razões de interesse das dinastias ou interesses económicos, com condicionamentos de «dotes» e prevalecendo o conceito de economia em famílias alargadas, em que os papéis e funções dos membros eram orientados e determinados pelos mais velhos.*

Em certos meios, nos nossos tempos, a liberdade é tomada à letra e cada um faz o que lhe apetece: coabitação, experiências, casamento civil ou religioso, divórcio, recasamento etc., fazendo apelo à contracepção sistemática, por processos químicos, mecânicos, etc. Neste capítulo, até as famílias estáveis, tendem a reduzir o modelo a um ou dois filhos. E por vezes é um dos cônjuges que decide e o outro submete-se. Neste sentido, a reprodução biológica, função económica, o papel educativo e de comunicação da cultura e as várias formas de saber têm variado. Hoje em dia, a dominante é o pluralismo de comportamentos. Mas, ideológica e estatisticamente, o sentido da fidelidade na partilha sexual e na geração e educação da prole prevalece como um ideal pelo qual vale a pena empenhar-se.

4. *O fundamento da família saudável é o amor conjugal, materno, paterno, filial e fraterno que não é pura espontaneidade mas que exige opção da vontade, esforço de ir construindo o espírito familiar, em que todos se devem sentir estimados e apoiados para fazer avançar a dinâmica de cada um, progressivamente assumir a respectiva identidade de marido, esposa, pai, mãe, filho, irmão, avô, avó etc. E cada situação deveria trazer novidade e interesse para contrabalançar as naturais dificuldades e desilusões.*

5. *O autêntico amor humano, cuja origem é o Criador, cf. Gén. I, 27-28, que nos faz à Sua imagem e semelhança, traduz-se de uma forma especial, na livre, adulta, integral e permanente vida dos cônjuges. A descoberta recíproca, a declaração sincera do amor que surge e o compromisso adulto de se aceitarem tais como são e a progredirem em consonância, durante toda a vida, com a missão de humanizarem a vida do casal e dos filhos do seu amor lúcido e responsável, são etapas do casamento.*

Cada membro do casal é fruto do seu passado, é tributário da respectiva herança biológica, afectiva, cultural e hábitos adquiridos e ambos estão ligados a uma comunidade humana. Mas é essencial que, sem ignorar as próprias raízes, sejam capazes de criar novos projectos, buscar uma nova identidade que inclua os valores saudáveis das diferenças. Mesmo o modo de expressão sexual humanizada tem as marcas da componente social em que se foi educado e do meio onde

se vive. Cada comunidade tem os seus códigos de partilha de vida e que são expressos no estilo e significado do casamento que «oficializa» o amor conjugal. É por isso que se celebra perante testemunhas aptas, tanto no civil como no religioso, em atitude de festa e por vezes mesmo de desperdício chocante. Este acto fulcral na vida dos cônjuges, importante para a estruturação da família e da sociedade, deve significar uma aliança, uma expressão adulta de pessoas livres que, sem se alienarem, se escolhem, acolhem e comprometem a viver em criadora novidade e definitiva fidelidade. Os cônjuges a sério, conscientes de correrem riscos medidos, passam da disponibilidade ao empenhamento, tornando-se construtores de uma história que influencia a História, nomeadamente pela fecundidade sensata e a educação dos filhos.

A estabilidade, a durabilidade, a harmonia e a felicidade não são obra do acaso, não são questões de sorte, mas opção de viverem honesta e corajosamente o compromisso de partilharem o que vão sendo, sempre abertos à construção da novidade familiar, sempre em espírito de gratuidade, de dom que os filhos assimilam à medida que identificam as razões da vida familiar, fundada no amor generoso e saboroso que vence os conflitos e é fonte de segurança, paz e esperança no futuro.

6. A família fundada no autêntico amor, é aberta e estimula a autonomia e a diferença. Cada personalidade deve ser estimulada e afirmar-se no que é diferente e positivo, ultrapassar as formas negativas de medo insensato e de egoísmo devastador. Isto acontece pela integração sustentada nos grupos naturais da vizinhança, da escola, do desporto, da catequese, a integrar-se na Sociedade. A educação para a generosidade lúcida, para a participação responsável, para a capacidade de aprender a dizer sim e a dizer não, por razões razoáveis e não apenas emocionais, é uma tarefa longa e que exige lucidez, paciência e persistência.

É essencial que os filhos assumam critérios de valores sádios sem caírem em extremos, em ideologias de raça, de casta, de sangue ou de formas totalitárias, fontes de males sem fim. A qualidade da vida, a estabilidade realista, a capacidade de renúncia e a abertura da pessoa à solidariedade dependem, em larga escala, da qualidade da vida familiar, dinamicamente partilhada, em que todos aprendem e praticam a arte de escutar, acolher e responder às necessidades e justos apelos dos outros. Assim, falar de família sadia inclui a prática do amor sexuado, respeito e acolhimento das diferenças em que se cultiva a festa, saboreiam os legítimos prazeres e aceitam as limitações e os sofrimentos, sem medo e sem angústia face ao futuro que se programa, mas bem conscientes de que o imprevisível faz parte da trama da vida humana normal. É da experiência comum da humanidade que a felicidade não coincide com facilidades; o perigo está em criar necessidades e viver angustiados mais com o ter e consumir do que empenhados com o ser sadio, com critérios de valores, procurando assim a vida não avassalada pelo consumismo mas livre para viver sem azedume na penúria, nem euforia infantil na abundância. A base essencial do casamento foi, e será sempre a prática da aliança no amor conjugal pelo dom total e permanente ao outro, praticando a arte da comum descoberta e de saborear as alegrias que se proporcionam mutuamente.

Este amor assim cultivado e expresso, conduzirá ao prolongamento nos filhos, acolhidos e educados para saberem assumir as vicissitudes da vida. O amor autêntico é fecundo, produz a alegria da partilha na confiança recíproca, confiantes e abertos à contínua aventura sem prazo.

7. O conflito e a ambiguidade estão presentes na nossa vida. Como é da comum verificação, as paixões afectivas, enquanto estados emocionais intensos, são frequentemente efémeras. Elas podem ser de adesão ou repulsa, originando equivalentes «atitudes de amor louco», com vontade de posse, exclusiva e abafadora, com comportamentos infantis de ciúme etc., ou então de ódio feroz, traduzido em aversão e vontade de aniquilar o outro, sob a forma de inveja e malquerença, desvalorizando ou desvirtuando o que o objecto de ódio é ou realiza. Tanto uma como outra forma de paixões provocam comportamentos sem lógica, insensatos, levam a correr riscos desmedidos. O amor humano, e entre as várias formas, o amor conjugal e familiar inclui elementos de partilha íntima, de deleite ajustado ao longo dos anos com dedicação incondicional e respeitadora da legítima autonomia e respectivas diferenças e complementaridade; estes comportamentos fundamentam-se na atracção física, psicológica, intelectual, espiritual etc., alimentados pelo diálogo fecundo e pela afectividade, mas controlados pela razão e pela vontade lúcida. O amor inclui admiração e estimulação positiva, recíproca e expressa em elogios adequados e na capacidade de oferecer e pedir perdão. Assim, o amor a sério é alegre, feliz, confiante, duradouro e em constante renovação, adaptado a cada fase e circunstâncias da vida, aprende a criar e a saborear a festa, a ajudar o outro, a assumir e a partilhar as suas proezas. As paixões habitualmente são desencadeadas por ilusões e tendem a cair em desilusões; o autêntico amor humano pode e deve ser lúcido, intenso, fiel e renovável, tanto na festa como no luto.

E o autêntico amor conjugal é fecundo, na ajuda que se prestam na transmissão responsável da vida física e na comunicação dum cultura que estimula e actualiza as capacidades latentes de ordem psicológica, intelectual, afectiva e espiritual, integrando de forma personalizada, os valores que humanizam e tornam a vida pessoal e social interessante, significativa e solidária. Realmente a vida humana brota do amor autêntico e é nele que se constrói a História na linha da utopia da máxima personalização e da possível comunhão complementar; a qualidade da Humanidade depende da qualidade da liberdade e do amor conjugal e familiar, sob as formas de maternidade, paternidade e filiação expressos e acolhidos dando origem à arte e à poesia.

8. Toda a actividade humana é sexuada enquanto traduz uma dimensão complexa da vida pessoal e conjugal. A expressão do amor humano baseia-se no sexo genético, anatómico, hormonal e intelectual, enquanto é livre e capaz de escolha e de assumir compromissos estáveis. Os filhos, exceptuando os gémeos univitelinos, são todos diferentes em todos os capítulos da vida humana expressa. E a estas componentes somáticas, psicológicas e éticas, há que juntar o aspecto sociológico, segundo os grupos envolventes e a troca de símbolos que traduzem,

de forma mais ou menos fiel e segundo os códigos e a linguagem ambiental. É no conjunto dos vários ecossistemas integrados que se poderá construir sadia-mente a vida conjugal, segundo o processo de complementaridade, como já referimos.

Hoje, talvez mais que no passado, a família sofre influências quase inter-mináveis e contraditórias: tornou-se moda insensata os casamentos com a marca do experimental e do provisório; quanto à fecundação recorre-se levemente à fecundação *in vitro*, homóloga ou heteróloga e recorre-se a terceiros, a Instituições públicas ou privadas, para a educação dos filhos.

A fecundidade e a educação separam-se facilmente da Família. O novo pluriparentalismo, que são as novas formas de orfandade, tornam-se frequentes; mais: o amor e a sexualidade são frequentemente desconectados, desintegrados e substituídos pela coabitação ou pelo recurso a preservativos que facilitam encontros fortuitos, uma espécie de prostituição generalizada, com poucos riscos e nenhuns compromissos.

Esta evolução acelerada e regressiva, ou melhor, involução humana, ética e social, desencadeada e sustentada por campanhas massiças dos audio-visuais e aceite passivamente pelo Estado, não deveria anestesiar as consciências como um fatalismo inevitável. Não devemos fechar os olhos à realidade envolvente; mas é preciso proclamar e testemunhar a realidade objectiva; não é correcto confundir quantidade e verdade, bem e mal, certo e errado. Devemos confiar na capacidade de reconversão da Humanidade aos valores fundamentais do amor, da vida, da família estável e feliz, fundada na verdade do ser humano de ser livre e fiel às suas opções. Filósofos, antropólogos, poetas, políticos, legisladores, sociólogos e teólogos, sem preconceitos, devem aprofundar a questão, porque não há alternativa ao Amor e à Família.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.

Crónica

Visita à Biblioteca Memorial Leonardo Coimbra

Os participantes no Ciclo de Palestras «Álvaro Ribeiro e a Filosofia Portuguesa» que se realizou no Ateneu Comercial do Porto, nos dias 14 e 15 de Maio, vieram contactar o espólio bibliográfico de Leonardo Coimbra, doado ao Centro Regional da Universidade Católica pela Ex.^{ma} Família do filósofo português. Foi no dia 15 de Maio, ao fim da manhã, sendo acolhidos pelo Director do Centro Regional e Director Adjunto da Faculdade de Teologia, Professores Francisco Carvalho Guerra e Arnaldo Cardoso de Pinho. Eram em número de trinta e cinco. Depois de breve passagem pelas instalações do Centro, dirigiram-se à sala da biblioteca memorial, onde, em representação do Director da Biblioteca, o Professor Ângelo Alves fez uma breve descrição do seu recheio, apontando os espécimes bibliográficos mais interessantes e evidenciando os manuscritos com relevo biográfico, que estavam em exposição.

Seguiu-se um almoço oferecido pela Administração do Centro, tendo no final, o investigador e escritor J. Pinharanda Gomes feito uma comunicação sobre Leonardo Coimbra, em que aduziu alguns elementos novos sobre a sua conversão religiosa. O Director do Centro e o Presidente da Fundação Lusíada, Dr. Abel Lacerda Botelho, trocaram saudações.

Enriquecimento da Biblioteca memorial

Entre os participantes e como elemento da Comissão de Honra do Ciclo de Palestras, esteve presente o Dr. Leonardo Coimbra, neto do filósofo de «O Criacionismo», o qual aproveitou a ocasião para, conjuntamente com a sua Mãe, D. Maria Odete Marques Coimbra, enriquecer o espólio da Biblioteca, com alguns documentos pessoais de seu avô e um conjunto de livros, com autógrafo e dedicatória, dos maiores escritores seus contemporâneos: Teixeira de Pascoais, Raul Brandão, António Nobre, Jaime Cortesão e outros.

Na mesma ocasião, também o Snr. dr. Francisco Cunha Leão, Administrador da «Guimarães Editores», ofereceu à Biblioteca do Centro Regional vinte e duas